

REDUZINDO DISTÂNCIAS

Marcos Formiga

Quando o sol nasce na pequena cidade de Serra do Mel (RN), distante cinco horas de Natal, um exército de trabalhadores já está no campo, tratando da plantação de Cajueiros que sustenta o município, que tem a exportação da castanha como principal fonte de renda. Entre eles, o menino Francisco Josias. Aos 19 anos, seu trabalho é fundamental na composição da renda da família. Até dois anos e meio atrás, ele, como os outros, saíam da lavoura e andavam quilômetros para chegar à escola. Quando faltava professor em uma das matérias, era pior: tinham de andar a pé até a escola mais próxima que tivesse a matéria. Às vezes, eram 20 km de caminhada por dia considerando ida e volta. Em 1995, o município implantou o Telecurso 2000. Cada uma das 22 agrovilas recebeu uma sala com televisão e vídeo. Os meninos de Serra do Mel deixaram a peregrinação de lado.

Na vida de Francisco, encurtaram-se as distâncias. Ficou menos distante, por exemplo, o sonho de chegar à universidade; de ter uma vida menos sacrificada que a do seu pai. O que resolveu o problema naquele município do Rio Grande do Norte foi a vontade da comunidade, que se organizou, que empreendeu, que foi buscar seu ingresso no que se convencionou chamar de cidadania.

Há uma realidade contra a qual não se pode lutar: o maior problema da educação no Brasil não é do domínio da pedagogia tampouco da engenharia. Temos condições técnicas, financeiras e humanas. Falta-nos uma sinalização de vontade política e o estabelecimento da educação como prioridade da sociedade. Educação, como prática, não é apenas reunir crianças na escola para uma aula. É o ato de compartilhar a responsabilidade pelo ensino entre pais, governo e sociedade.

Num país que tem de US\$ 57 bilhões em reservas, US\$ 15 bilhões seriam suficientes para resolver os problemas crônicos de educação, saúde e segurança. Temos apenas um razoável índice de universalização do ensino. Temos 91% de nossas crianças em idade escolar freqüentando nossas salas de aula. Os 9% restantes, quase três milhões de crianças, já estariam em sala se isso fosse encarado com o senso de prioridade semelhante ao de países como os do sudeste da Ásia. É preciso, por exemplo, reduzir o tempo que separa o pri-

meiro dia de aula da vida de uma criança da última aula do primeiro grau. É alarmante a informação do MEC de que nossas crianças levam, em média, 11 anos para concluir os oito anos letivos do primeiro grau. Apenas 3% delas conseguem passar pelo primeiro grau nos oito anos regulamentares. Chegar à oitava série, para a maioria, é uma verdadeira proeza, que somente 33% conseguem realizar. Resolver essa situação não é tarefa complicada.

Basta estabelecer como prioridade da sociedade que todas as nossas crianças estejam em sala de aula. Basta, também, a decisão de todos nós de partirmos para a busca de alternativa. É o exemplo do que está fazendo o empresariado ao investir em um projeto de educação à distância como o Telecurso 2000, que, direcionado para jovens e adultos, está se tornando a chama de es-

perança para milhares de brasileiros.

Com médias de aprovação superiores às de outras modalidades de ensino supletivo, é um projeto de educação à distância que aproxima o já fatigado trabalhador brasileiro da possibilidade de voltar a estudar. Uma pesquisa realizada pela Saldíva e Associa-

dos, de São

Paulo, há dois anos, mostrou que a maior barreira a impedir a retorno do trabalhador aos estudos é a vergonha de volta à sala de aula. Some-se a isso um expediente exaustivo e duas horas, em média, de deslocamento entre a casa e o local de trabalho em um transporte coletivo de má qualidade. Estudar no próprio local de trabalho ou em casa é uma saída viável.

Essa vergonha identificada na pesquisa é apenas mais um dos muitos preconceitos que dificultam o desenvolvimento de um sistema educacional moldado às necessidades e carências nacionais. Outra visão equivocada é a de que se pretende substituir o ensino formal pela educação à distância e de que esta roubaria os postos de trabalho de professores. Talvez seja preciso dizer mais uma vez: o professor é insubstituível no processo de ensino/aprendizagem. É ele talvez o principal agente responsável por encurtar a distância que separa nosso país de hoje do Brasil que queremos para nossas crianças. Esse sonho não está distante.

■ Superintendente de Teleducação da Fundação Roberto Marinho e vice-presidente da Associação Brasileira de Educação à Distância